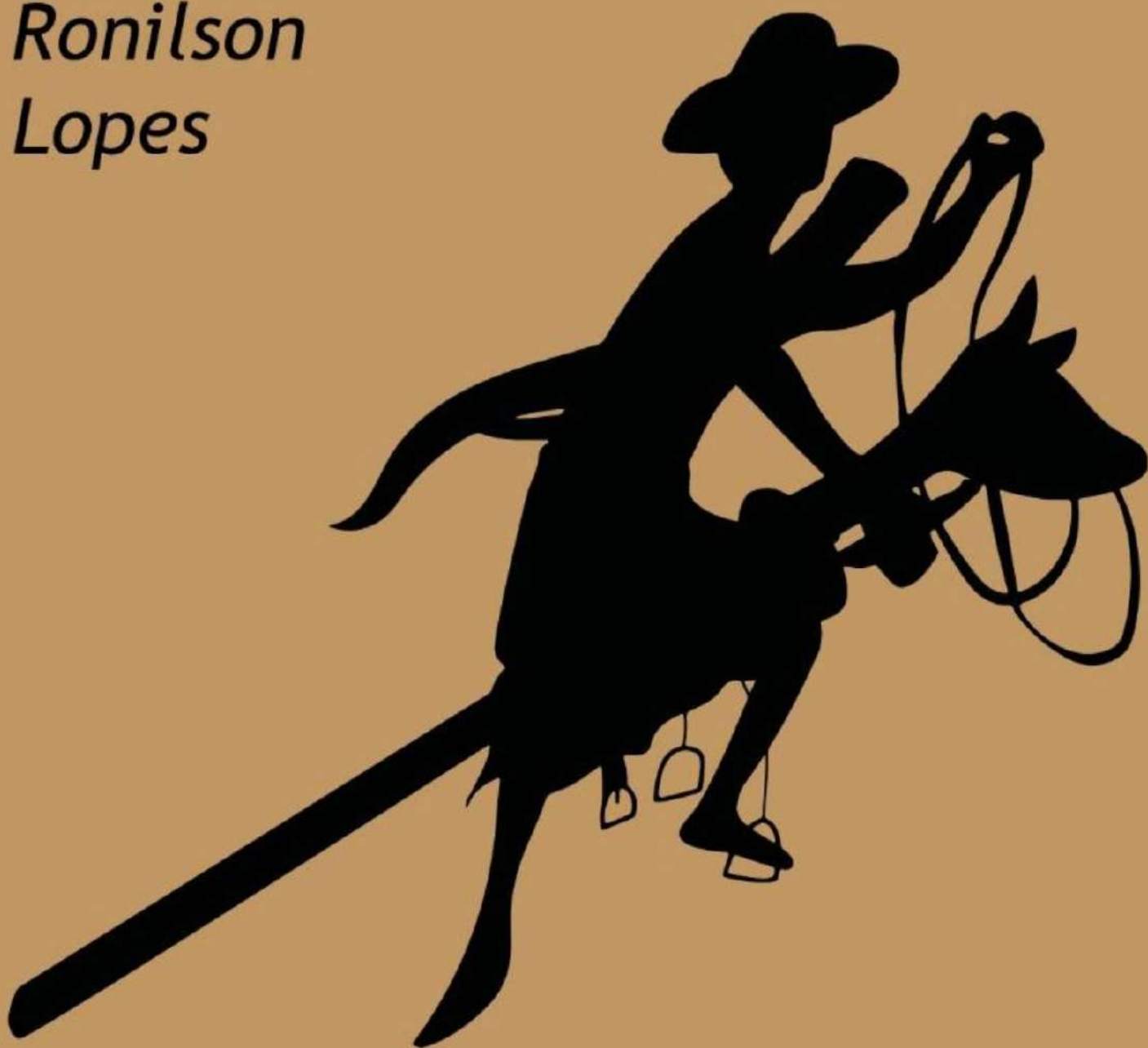


# Contos do meu Sertão

*Ronilson  
Lopes*



2020

# Contos do meu Sertão

*Ronilson  
Lopes*



2020

2020 by Editora e-Publicar  
Copyright © Editora e-Publicar  
Copyright do Texto © 2020 Os autores  
Copyright da Edição © 2020 Editora e-Publicar  
Editora Chefe: Patrícia Gonçalves de Freitas  
Editor: Roger Goulart Mello  
Diagramação: Roger Goulart Mello  
Capa: Leidijane Rolim da Silva e João Uilson Vieira Filho  
Revisão: Helena Contaldo Ferreira Martins

Todo o conteúdo dos artigos, dados, informações e correções são de responsabilidade exclusiva dos autores. O download e compartilhamento da obra são permitidos desde que os créditos sejam devidamente atribuídos aos autores. É vedada a realização de alterações na obra, assim como sua utilização para fins comerciais.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

L864c Lopes, Ronilson de Sousa, 1980-  
Contos do meu sertão [recurso eletrônico] / Ronilson de Sousa  
Lopes. – Rio de Janeiro, RJ: e-Publicar, 2020.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-87207-12-4

1. Ficção brasileira. 2. Literatura brasileira – Contos. I. Título.

CDD B869.3

**Elaborado por Ana Carolina Silva de Souza Jorge – CRB6/2610**

Editora e-Publicar  
Rio de Janeiro – RJ – Brasil  
contato@editorapublicar.com.br  
[www.editorapublicar.com.br](http://www.editorapublicar.com.br)



2020

## AGRADECIMENTOS

Agradeço muitíssimo aos amigos que contribuíram para a efetivação desta obra, tanto aqueles que leram, criticaram e sugeriram como aqueles que colaboraram para que ela fosse editada.

Dos muitos, trago presente primeiramente a professora Helena Contaldo, que muito me apoiou e me ensinou; segundo, os amigos Luis Vicente, João Uilson e Juceli da Cruz, que foram os meus primeiros interlocutores. Graças a eles as metáforas maranhenses puderam, por assim dizer, se adaptar aos olhos mineiros.

Também não poderia esquecer Pe. Manoel Godoy, que me apoiou bastante, bem como Pe. Roberto Cantù, Pe. Domingos Rodrigues Zati, Pe. José Xavier, Pe. Tarcísio Júnior, Ir. Roberto Oliveira, Ir. Diomar, Ir. Bruno José, Ir. Quelion, Ir. Oziel da Rocha, Maria das Dores. E tantos outros que aqui não estão expressos, mas que foram de fundamental importância para a publicação desta obra.

## PREFÁCIO

Menino bom de prosa, esse Ronilson! Na sala de aula, sentado bem à frente, atento; embora tímido, às vezes perguntador. Chegou ao ISTA no curso de Gestão Pastoral, em 2007; só no ano seguinte é que foi tomar o rumo da Filosofia.

“Professora, lê esse texto aqui pra ver se tá bom?”. “Você gosta de escrever, Ronilson?”. A resposta veio em forma de outro texto, e mais outro... e um dia (já há algum tempo!) me chega às mãos uma coletânea!

Eta, menino bom de prosa! Ronilson narra, nesses *Contos do meu sertão*, pequenas histórias que cativam pela candura, pela ternura e pela inocência velada da infância. É o que toca o coração do leitor em *Vaqueiros*, *Passarinhar* ou *Vai ver quem vem*, em que o olhar do menino pousa sobre a família, a natureza, a lida com o gado... entre marimbondos brabos e vacas paridas! Já adulto, retorna ao interior do Maranhão e empresta ao olhar amadurecido a pureza do menino. *Recordação* e *Correntezas* nos revelam esse olhar.

No mais, é só se dedicar aos encantos da Fazenda do Grotão, nessa viagem proporcionada por Ronilson Lopes, na sua primeira investida na prosa de ficção.

O leitor tem em mãos excelente material de leitura prazerosa, inclusive em ambiente escolar.

Helena Contaldo

# Sumário

RECORDAÇÃO.....	7
O MARIMBONDO QUE MORREU E NÃO VIVEU .....	8
VAQUEIROS .....	9
CAVALO-DE-PAU .....	10
PASSARINHAR .....	11
BANDOLEIRO .....	12
VAI VER QUEM VEM .....	13
ENTRE VACAS E PALAVRAS .....	14
HISTÓRIAS .....	15
FÉRIAS .....	16
MÃE .....	17
O TIO JUÁ .....	18
ISCADO NO ANZOL .....	19
FAZENDO ARTES .....	20
PARTIDA.....	22
CORRENTEZAS .....	23
<b>Sobre o autor.....</b>	<b>25</b>



## RECORDAÇÃO

Saio de Carolina e, aos poucos, vou adentrando por uma rodagem<sup>1</sup> empiçarrada<sup>2</sup>. Mais à frente, a uns seis ou sete quilômetros, entro em outra estrada ainda mais simples, mais esburacada e cheia de matos.

A moto desce e sobe nos pequenos barrancos, devagar vai cruzando as poças enlameadas das chuvas e escorregando por várias ladeiras durante o percurso ao longo do caminho.

Passo pelo corredor de aroeiras, que é um local onde têm árvores dos dois lados da estrada, depois a pendida<sup>3</sup> para a casa de um velho amigo (no meio da mata) que há muito morava naquela direção.

Chego na primeira cancela de madeira, desço. Meus olhos percorrem as paisagens verdejantes a balançar com o vento ligeiro, enquanto os passarinhos cantam nas folhagens dos angiqueiros, das caatinga-brancas, dos paus-d'arco roxos e brancos...

Abro a cancela, passo, fecho e sigo acelerando, duas ladeiras grandes e curvadas. Chego na ladeira de pedras soltas. Dela enxergo a cancela, e o pátio. No fim dele, a casa da fazenda.

Meu coração começa a bater mais forte. Alcanço a porteira do pátio grande. Pelo menos, eu pensava que ele era enorme, quando eu era pequeno. Agora parece tão minúsculo; todavia, continua belíssimo, talvez até mais que antes.

Lá está o pé de manguita<sup>4</sup> em que eu costumava subir juntamente com meus irmãos, quando voltávamos da roça nos fins de tardes, e também os pés de palmeiras, carnaúbas para ser mais preciso, verdinhas, lindas. Sempre me diziam, ao apontar para elas, que meu avô fazia chapéus maravilhosos utilizando suas palhas.

E o pé de tamarindo, com suas frutas azedas de fazer caretas e de dar dor de dentes. Eu nunca consegui pronunciar que meus dentes estavam doloridos de comer tamarindo. Dizia: “meus dentes estão dirurido... Não, não, eles estão diluridos!”

Por fim, me encontro na Fazenda Grotão. Desço devagar do veículo. Na minha frente a casa grande, quase do mesmo jeito, esbranquiçada, peitoris esverdeados, o chão de cimento queimado se encontra agora com algumas rachaduras. Em tudo se nota que o tempo deixou suas marcas.

Os objetos, muitos ainda se encontram na mesma posição, a mesa grande da sala de jantar, um quadro na parede da sala de visitas, de Jesus carregando a cruz. Quanto ao pomar, já não é o mesmo, as laranjeiras morreram, as mangueiras também, o pé de amêndoa do terreiro da frente foi cortado.

---

<sup>1</sup> Via destinada ao tráfego de veículos que se deslocam sobre rodas.

<sup>2</sup> Terra misturada com areia e pedras; cascalho.

<sup>3</sup> Onde há uma outra estrada.

<sup>4</sup> Manguito: pequena manga.

A casa onde morávamos não existe mais, apesar de eu vê-la como se ainda existisse. Da mesma maneira, ouvi meninos correndo pelo terreiro enorme debaixo daquela imensidão de pés de frutas, brincando de vaqueiros montados em cavalos-de-pau.

Aproveitei para ir ao rio Itapecuru. Ele continua lindo na sua simplicidade. Demorou, mas me reconheceu, e quis saber o que me fez voltar, a que eu respondi: “vim buscar um pedaço de mim que o tempo esqueceu!”.

Detenho-me na imagem do Grotão. Que hoje é uma espécie de lugar mágico, guardado em algum lugar dentro de mim.

## O MARIMBONDO QUE MORREU E NÃO VIVEU

Eu me entendi por gente numa bela fazenda chamada Grotão, nome dado por causa de um riacho que tinha esse nome e que desaguava no rio Itapecuru. Ali nos arredores de Carolina no estado do Maranhão.

Naquela fazenda tinha tantas árvores frutíferas, meu Deus! Dava para exportar laranjeiras, goiabeiras e mangueiras, eiras e eiras que não acabavam mais. Meu pai costumava dizer: “eta que tem manga que faz nojo, menino!”.

Meu pai tinha razão, já que as mangas eram tantas, que centenas de porcos de que cuidávamos não davam conta de consumi-las, apenas mordiam umas e outras as quais apodreciam, exalando o cheiro por longe.

Não só os porcos levavam vantagens com as mangas, os marimbondos e as oropas<sup>2</sup> também! E esta é a melhor parte, visto que eu, menino criado longe das lojas de brinquedos, adorava brincar com os marimbondos.

Tinha uns marimbondos grandes de cor azul metálica e asas escuras chamados marimbondos-tatu, eram os meus preferidos, agarrava-os pelas asas com a mão esquerda e com a direita, com bastante cuidado, arrancava-lhes o ferrão.

Hoje se me perguntarem como fazer isso, não mais consigo, no entanto, no tempo de moleque, eu juro que fiz infinitas vezes. Só pelo gostinho de amarrar uma linha de costura na cinturinha deles e pô-los para voar apesar de tratá-los como se fossem bois, por associar as anteninhas deles aos chifres do gado, coisa de menino filho de vaqueiro.

Minha mãe, que Deus a tenha, vivia brigando comigo. “Esse bicho te espora, menino!” Mãe é boba mesmo; “até parece que ia dar jeito!”.

Claro que muitas vezes eu chegava chorando por levar ferroada de marimbondos-tatu e de oropas. Uma vez mesmo peguei dois e achei-os tão mansos que pensei que não fosse necessário arrancar-lhes o ferrão. Não deu outra! Tarde inteira de choro! “Bem que eu te disse, moleque desobediente!”.

Um dia, já à tarde, eu encontrei um marimbondo-tatu muito mansinho. Afeiçoei-me a ele de logo. No final da tarde fiquei muito triste por ter que me separar dele. Minha mãe não iria permitir que eu ficasse com ele dentro de casa à noite.

Foi aí que tive uma brilhante idéia: pus ele dentro de uma caixa de fósforos e lembrei que minha mãe havia dito que Deus do céu realizava pedidos se feitos com confiança. Fui para detrás da casa, enfiei o bicho dentro de um buraco na parede, que era de taipa, e rezei três Ave-Marias e um Pai-Nosso pela metade, acreditando piamente que o danado iria viver até o dia seguinte.

<sup>2</sup> Abelha européia ou doméstica, que, fugindo do cortiço em enxames, faz o mel no oco das árvores, no mato.



Quando amanheceu, logo que pude corri para vê-lo. Para minha infelicidade, o inseto estava encolhido, inerte, sem vida; eu chorei muito. Tinha uns sete anos de idade, era fácil crer nas coisas, e ali não consegui entender porque Deus não tinha ouvido minhas orações. Pedi para ele viver de novo, rezando Ave-Marias, não adiantou.

Não deixei logo de brincar com marimbondos, no entanto não mais rezei por eles.

## VAQUEIROS

Booooo! Reece boooi! Fasta pra lá, vaca velha! Vai, vai, vai, roooi! É assim que se toca boiada, estralando a pinhola<sup>3</sup>, tocando a berrante e segurando as rédeas do cavalo adoidado com a fustigação das esporas.

Eu, menino, corria para olhar pelas brechas de entre os moirões<sup>4</sup> da cerca do curral, para ver meu pai e meus irmãos chegarem com o gado, que apontava ao longe, na curva da estrada. Ligeiro vinham descendo a ladeira, entrando na manga, no corre-corre até conseguirem fazer os animais entrarem no curral de madeira.

Imaginava, como deveria de ser bom tornar-se boiadeiro, viajar o mundo, galopando num cavalo baio pelas caatingas, como fazem os vaqueiros campeando o gado, ouvindo o barulho do tilintar dos chocalhos, o som dos mugidos que ecoam na mata de angicais, seguindo os rastros deixados na poeira das trilhas da barraria na seca do verão ou na lama do inverno.

Encostando na casa dos vizinhos, compadres e comadres, indagando sobre o paradeiro dos bichos e aproveitando para prostrar sobre muitas coisas que fazem parte de suas vidas, do mundo, da imaginação, de rezas, de supertições de visagens<sup>5</sup>...

- Meu cumpade, eu vou tirar três sortes (crias) esse ano.

- Hum, e é cumpade?

- Se Deus quiser, cumpade. É por isso que eu tenho que encontrar as vacas amojadas (no mês de parir) que é pra mode elas num pari no mato.

- Oia, istordeinha cumpade elas tava aqui dentro de minhas capoeiras, mais eu pus pra fora. O cumpade num vai demorar topar com os rastros delas.

- Entosse, cumpade, é bom eu me avexar<sup>6</sup>.

- Nada, cumpade, apea do cavalo, vamo arranchar, tomar um café que a muié tá passando agorinha, agorinha e fazendo um beiju<sup>7</sup>.

- Entoce vou parar um cadinho só pra mode num fazer disfeita, diz o ditado que se a gente num aceita os cumpadres ficam suvina!

<sup>3</sup> Chicote com que se açoitam animais.

<sup>4</sup> Esteio grosso, fincado firme no solo, e ao qual se amarram reses.

<sup>5</sup> Visagens: fantasmas.

<sup>6</sup> Avexar: pressa.

<sup>7</sup> Bolinho achatado, de massa de tapioca ou de mandioca, do qual há muitas espécies; tapioca.

Quando o gado chegava os vaqueiros tinham uma grande luta para separar umas das outras, as paridas das solteiras, as amojadas, os bezerros para apartar das vacas paridas para deixarem de mamar e prender nas quintas.

Mas, nós meninos, vaqueirinhos de imaginação, brincávamos de cavalos de pau debaixo das sombras verdejantes das velhas mangueiras, imitando os compadres conversando, ou os peões laçando as reses, nessa brincadeira a gente esquecia de crescer, a gente já era meio que como gente grande, que não tinha tempo pra ser infeliz.

## CAVALO-DE-PAU

Piriri, piriri, piriri! Faziam os cascos imaginários do meu cavalo-de-pau. Na verdade eu balbuciava com os lábios imitando o som das patas dos cavalos da fazenda, por nomes de Meia Branca, que se chamava assim por ser alazão e ter as quatro canelas brancas, e Minha, que só tinha duas patas brancas. Por isso, parecia que usava meias!

Aprendi a montar no meu alazão muito cedo, pondo-o para disparar no grande quintal, correndo entre as mangueiras, atravessando o monturo<sup>8</sup>, aboiando as galinhas, os perus, os patos e tudo quanto eram animais.

Meus irmãos mais velhos, João e Julimar, me ensinaram a escolher a madeira certa, na verdade eles tiravam para mim um bom cavalo-de-pau e amarravam um pedaço de cordel de punho de rede velha que não prestava mais ou um barbante de saco de fibra para ser as cabeçadas, e eu escolhia um galho de goiabeira para ser o chicote.

Éramos vaqueiros, aprendemos com o nosso pai Emanuel e com o nosso irmão Pedro, o qual admirávamos muito. Dele herdamos a linguagem do aboiado dos peões, a destreza de correr atrás, a tática de encurralar e pôr chocalho (o pior é que os bichos não podiam com o chocalho!), a domar com o laço, com peia nos pés. Para nós o que não era gado, era cavalo! E tudo era motivo para cavalgar.

O cachorro Xavante, apesar de valente, de vez em quando virava burro, colocávamos uma cangalha<sup>9</sup> de forquilhas de catinga branca, e colocávamos duas abóboras para o danado carregar. O coitado não compreendia nada, a cambalear nos carreirinhos<sup>10</sup> da roça para casa!

O legal mesmo era nos finais de semana, nas tardes de verão, principalmente, quando nossos pais não estavam em casa. Não precisaria nem citar as danações que aprontávamos, todavia, irei contar apenas duas. O resto você imagina, apesar de que muitas delas se tornaram um tanto amargas.

Como no dia que tentamos matar mal matado o cachorro Joli, por incentivo de nosso pai. O acertamos na cabeça e depois jogamos na água do rio Itapecuru. O bicho nadou de volta para seu azar e tristeza de nossa mãe, que era muito apegada aos animais, e terminou que sua tristeza me deixou com um grande arrependimento de ter ajudado a maltratar o animal.

---

<sup>8</sup> Lugar onde se deposita lixo.

<sup>9</sup> Armação de madeira ou de ferro em que se sustenta e equilibra a carga das bestas, metade para cada lado.

<sup>10</sup> Caminho estreito; carreira.

Outro dia perseguimos a perua cinzenta para laçarmos, para pôr um chocalho, porém, ela na braveza percorreu um pico mais ou menos de um quilômetro, na estrada da bomba de puxar água do rio, no qual ela voou para a outra margem.

Meu pai deu por falta, culpou as raposas e as mucuras, procurou as penas e nada. Uns três meses depois a cinzenta apareceu para surpresa e espanto dos vaqueiros. Aliviados, pudemos contar. Não tinha mais jeito para nos surrar.

E assim cresci, correndo montado em cavalos-de-pau, que faziam piriri, piriri, piriri! E riscavam o chão de areia, espalhando poeiras, criando um mundo de imaginação. Um pedacinho de história, alegre, marcado em cada rabisco que os cavalos-de-pau cravavam no terreiro do quintal.

Às vezes quando eu olho e não vejo mais o gado, me dá tristeza... Um choro, uma lágrima, um aboio de saudades.

## PASSARINHAR

Todo menino que nasce ou mora na roça costuma querer muito matar passarinhos. Comigo não foi diferente. Adorava pegar o mocó<sup>11</sup> e enchê-lo de pedras mais ou menos redondas e, de baladeira<sup>12</sup> na mão, passarinhar.

Olhos e ouvidos atentos aos barulhos, cantos, pulos e bater de asas. E quando avistava, mirava bem e lançava com toda força, com jeito, com esperança de acertar, correr para apanhar e mostrar pra todo mundo. Porém, meu Deus! O dia era sempre do passarinho.

E lidar com as sorte dos saltitantes não era muito fácil, preferia o meu dia, a minha sorte, no entanto essa hora não chegava. Meus irmãos eram muito bons, muito bons de pedradas, por isso, além dos elogios, sempre tinham estilingues novos, não só para matar passarinhos, mas também para espantá-los das lavouras, ação que eu também fazia.

Por isso meus irmãos sempre tinham muitas histórias para contar de suas caçadas: “Eu matei cinco juritis ontem”, exclamava o irmão Bernardo. “E eu derrubei dois sabiás com uma só pedrada”, dizia Julimar. E João por sua vez falava: “Eu abati um papagaio do galho mais alto de um angico apenas com um bodoque<sup>13</sup>!”.

Quanto a mim, meio encolhido, me sentia na obrigação de contar alguma coisa. Eu? Bom, eu acertei uma fiandeira, mas... Mas ela não caiu. De fato tinha acertado mesmo e ela veio caindo e eu fiquei parado com toda expectativa, todavia quando ela estava pertinho do chão tornou a voar. Droga!

O melhor de se matar passarinhos era comê-los! Fritos, assados ou sapecados! Ainda mais porque o açougue ficava distante, na cidade, nem sempre dava para ir lá. E matando passarinhos economizávamos, além do dinheiro, as galinhas e os porcos, apesar de que, naquela época, eu não sabia disso, via apenas o prazer de caçá-los.

Certo dia saí para passarinhar com meu irmão João dentro de umas quintas<sup>14</sup> ao redor da casa. Era uma tarde bonita e ensolarada, porém não tivemos muita sorte para encontrar nenhum bicho de penas, mas, ao invés disso, uma grande casa de marimbondos. Exatamente! Marimbondos-tatu.

<sup>11</sup> Bolsa de tiracolo para pequenas provisões, papéis, etc.

<sup>12</sup> Forquilha munida de elástico, com que se atiram pedrinhas; bodoque, estilingue.

<sup>13</sup> Arco para atirar bolas de barro endurecidas ao fogo, pedrinhas, etc.

<sup>14</sup> Pasto para os animais.

Uma pedrada, duas... Um rombo! Marimbondos voando por todos os lados, enraivecidos, começam a dar voltas sobre nossas cabeças, enroscando em nossos cabelos, e, de repente, João pára, envermelha-se, e faz sinal para correremos.

Insisti, “vou vingar-te, meu irmão!”, acertando mais uma pedrada na casa dos malvados, e neste mesmo instante um deles veio e esporou-me no olho direito. No fim da tarde lá estávamos cada qual com o olho mais inchado, para não zombarmos um do outro, mas nossa mãe aproveitou. Pelo menos tínhamos uma história para contar.

Quanto a matar passarinhos mesmo, nada! A melhor definição que lhes dou é seca mocó, visto que eu secava um bernal inteiro de pedras neles e não acertava em nenhum. Para remediar aprendi a armar arapucas<sup>15</sup>.

## BANDOLEIRO

Meu pai tinha muitos vizinhos, pois morávamos em um lugar muito bom para as pessoas simples. Era um local perto da cidade, de maneira que os moradores se sentiam bem e felizes de residirem naquele lugar. Plantando suas roças, criando animais: gados, galinhas, porcos e tantas outras espécies. Às vezes se ouvia dizer: Seu fulano cria bicho que mija para trás!”. Por essa expressão se designava alguém de muita importância, por incrível que pareça.

Fazenda mesmo efetiva era Taboquinha. Nela moravam duas grandes famílias, na verdade uma, visto que era a descendência de dois irmãos. Eles criavam os melhores nelores da região.

Os outros eram apenas moradores, não criavam animais de corte e de montaria, e além do mais suas famílias eram pequenas. Todavia, eram trabalhadores estáveis, que não se aperreavam com poucas chuvas, pois sempre tinham nos paiós<sup>16</sup> uma significativa reserva.

De todos, o que eu mais gostava era seu Luíz, Luizinho, ou Luíz da mata, como meu pai costumava apelidá-lo. Era um homem alto, magro e de cabelos grisalhos. De corpo meio espigado, lembra o Visconde de Sabugosa do Sítio do Pica-pau Amarelo.

Meu pai o contratava para ajudar no roço dos pastos, ou na capina das roças. Ele era bastante esforçado, no entanto, bom mesmo era para contar histórias, ou como se diz: causos!

Às vezes era um tanto repetitivo, porém eu não me importava, ele era sempre cômico, expressivo nos gestos das mãos, e da face enrugada. Fumando cigarros de palha de milho e dando gargalhadas enquanto conversava.

Costumo dizer que Luizinho foi meu primeiro amigo, porque naquele tempo de criança ele foi a primeira pessoa a conversar comigo como se eu fosse gente grande. Pelo menos eu achava que aquelas conversas que levávamos eram as mais legais do mundo.

---

<sup>15</sup> Armadilha para apanhar passarinhos.

<sup>16</sup> Depósito de gêneros da lavoura.

Às vezes ele me convidava para visitá-lo: “Vamos lá em casa”. Vamos, eu respondia alegremente. E queria ir mesmo, mas obviamente que minha mãe não permitia. É claro que ele não me levava mesmo, sobretudo porque eu ainda era muito pequeno.

Quando ele percebia que eu iria criar caso por querer ir de qualquer maneira, dizia: “Bom, eu acho que você não poderá ir comigo hoje”. Por quê? “Porque lá em casa a gente come é lama”. Lama! Então é por isso que seus dentes são pretos? “Exatamente!” Respondia. E não é que eu acreditava!

Seu Luizinho tinha dessas coisas, de falar engraçado. Lembro do dia que ele chegou contando que tinha ido a um “chuvasco” e tomado muitas “seuvejas”, porém ali naquele lugar cada qual tinha o seu jeito de falar. Agora o que ele falava bem certinho era a palavra “besta”! Você é besta, por essa palavra sim, meu pai o criticava, seu Luíz está ficando bobo com essas idas na cidade! Quanto a mim fiquei sendo o bandoleiro<sup>17</sup> por querer ir com as pessoas, sair pelo mundo.

## VAI VER QUEM VEM

Quando era pequeno, eu me lembro quase tudinho do que se passava. Falar de infância é falar da fazenda Grotão lá nas bandas do Maranhão, o que gosto muito porque é como doar uma parte de mim. Quiçá a mais feliz?

Cresci sendo o companheiro de minha irmã mais nova por parte das mulheres, todos os outros, todos os tantos iam para a roça logo cedo. Sendo que às cinco da manhã iam dois dos meus irmãos, como se diz, encostados em mim em idade, eram os tangedores de periquitos (pragas devoradoras de arroz), e às seis, os demais.

Eu costumava ficar em prantos, imaginando que a roça deveria ser um lugar fantástico. Porém, meu pai dizia: você é muito pequeno ainda, e além do mais tem de ficar acompanhando sua irmã.

Ela vivia no mundo das canções e novelas de rádio. De vez em quando a comida queimava, ela ficava aflita e sempre punha a culpa em mim, porque segundo ela eu deveria ter posto a água no feijão. Como se eu não tivesse um mundo de imaginação para cuidar, dá para acreditar?!

Nós vivíamos numa palhoça humilde, um pouco recuada, a uns quinhentos metros da casa da fazenda, onde o patrão passava as férias, e às vezes meu pai colocava os peões<sup>18</sup> para arrancharem na parte externa, o que era só de tempos em tempos.

Ao lado da casa grande ficava o curral de gado e, à frente, o pátio de mais ou menos mil metros de comprimento e uns duzentos de largura, isso eu fazendo um cálculo hoje, porque naquele tempo aquela distância parecia enorme.

Veza por outra minha irmã dizia: vai olhar quem vem! Eu gostava de olhar quem vinha. Para isso corria no carreirinho fundo, de tanto ser trilhado, que passava por trás dos

<sup>17</sup> Que não tem parada, errante, andejo.

<sup>18</sup> Trabalhador rural.

currais até a casa grande, e observava de cima da cancela do pátio da casa, uma outra cancela ao longe, e para além dela uma volta da ladeira de pedra solta.

Depois voltava correndo adoidado, para avisar se tinha avistado algum vulto, quando vinha. Na pressa nem dava para mirar quem era, o que minha irmã logo interrogava: quem é? Não sei. Pois vai olhar de novo, seu besta!

Às vezes, quando não vinha ninguém, ela me pedia para ir novamente para olhar direito, não sei para quê, imaginava. Por vezes obedecia para ganhar algo, ou simplesmente pela promessa, ou para não ser castigado.

Nesses momentos de ausência, ela aprontava certas coisas, um tanto curiosas. Algumas delas eu descobria, e penava amargamente. Como o dia que encontrei um ovo sendo cozido dentro da panela de feijão, o que ela retrucou que a galinha havia botado lá. Isso não foi problema, o problema é que eu contava para minha mãe, depois era castigo na certa.

Mas o duro foi o dia em que eu encontrei uma caixa cheia de bananas secas ao sol, comi-as quase todas, depois fui chamar minha doce e querida irmã para compartilhar o achado. Não sabia eu que era da fera! O resto nem precisa dizer. Ainda bem que a cancela tinha suas belezas.

## ENTRE VACAS E PALAVRAS

Pulei da rede contente. Um contentamento curioso. Calcei as sandálias apressado e antes mesmo de esfriar o corpo, como era recomendação de meu pai (que deveríamos, antes de levantar, passar pelo menos três minutos sentados na rede), corri em direção ao curral para ver as vacas paridas. Lá meus irmãos tiravam o leite todos os dias às cinco horas da manhã.

Era uma época de muitas chuvas. Apesar de naquele dia estar despontando uma bela manhã ensolarada, tudo estava enlameado das chuvas anteriores. Faltava uma casa para abrigar os animais, de maneira que quem não quisesse sujar os pés necessitaria calçar botas de borrachas, mas eu me arrisquei a pisar numas pedras postas pelos meus irmãos para essas eventualidades.

Entre no curral, não me lembro muito bem o motivo, se por interesse meu, que não faltava, ou a mando de um dos meus irmãos para apanhar alguma coisa, ou simplesmente pela vontade de provar a jacuba, que era uma mistura de leite cru com farinha que eles costumavam fazer, que para mim era maravilhosa. Era! Hoje nem por brincadeira.

O medo dos animais era visível, no entanto ousei entrar por achar os bezerros crescidos. Todo mundo sabe que, à medida que eles vão crescendo, gradativamente vai diminuindo o ciúme das vacas em relação a eles. Presumi isso, o que foi um erro.

E fui atravessar a curralama, quando de repente, um barulho rápido, um soco (marrada), dois segundos de cara na lama... Meus irmãos acudiram. Foi Cabelo Grosso, vaca bonita e gorda que ganhou esse nome por causa de uma música que tocava muito no rádio, e que meus irmãos gostavam.



Desse dia em diante perdi o gosto pela tangida com gado. Não tinha motivação para entrar na área onde eles estavam, apesar das insistências de meu pai. Mas eu resmungava baixinho, esbravejava toda vez que era necessário apartar o gado.

Um dia, após sair do curral de uma apartação, triste, cabisbaixo, com cara de choro. Meu pai percebeu que eu não gostava de trabalhar com gado, chamou a minha mãe e disse: “mulher, esse menino tem que estudar, ele não gosta desta vida, do que vai viver?”. E aquela frase mexeu muito comigo.

Dali por diante, acendeu-se uma luz na minha história. Os livros começaram a fazer parte dela, e eu do mundo dos livros. Toda tarde lá estava eu lendo, não que tivesse tanta facilidade assim, como se fosse coisa mágica, mas, de certo, me sentia bem com a possibilidade de juntar as letras.



## HISTÓRIAS

A fazenda que tenho tentado descrever em certos momentos até agora, era um tanto isolada do mundo, mesmo sendo estrada de tropeiros que iam e voltavam da cidade. Por ali passavam com seus animais, carregados de mantimentos para vender na rua e voltavam com suas compras do que não se produzia no campo.

Do Grotão se ouvia o barulho dos caminhões que passavam ao longe, eram notícias que o vento, por vezes, decidia trazer de presente, como bela novidade para os ouvidos aguçados.

Fora isso, de barulhos, de novidades, era o rádio, ele era o centro de certo modo da vida dos sertanejos, principalmente da região amazônica, e conosco não era muito diferente, ouvíamos suas transmissões desde a madrugada.

Era um rádio antigo, de pilhas, grande, imponente sobre uma velha mesa num canto do quarto de meus pais, ao lado da cama. Mas ali no canto, ele tinha um destaque todo especial, com enfeite e tudo.

Por ser antigo, frequentemente desmantelava. Meu pai o abria, dava uma olhada, limpava, passava óleo, dava umas batidinhas de leve com as mãos impacientes, até dar um jeito, e se por ventura não desse, recorria ao conserto na cidade.

Chegando no conserto, muitas vezes era despachado, “este rádio não presta mais, não tem conserto, suas peças há muito não são mais fabricadas”. O velho ficava meio desaconsuado, porém, não desistia, levava em outro, e outro se fosse o caso, até dar um jeito.

E voltava contente, alegremente estalava os fios, um para uma antena apregoada na cobertura da casa e outro para o chão, depois ligava o aparelho com os olhos radiantes de satisfação.

Ouvíamos as modas, algumas delas cantávamos nos caminhos, quando era hora de buscar o gado, ou no caminho da roça, quando não tinha ninguém olhando, para não sentirmos envergonhados das vozes desacostumadas.

Mas o que eu mais gostava eram as histórias que eu ouvia pelo rádio. No programa de tia Heleninha, uma radialista admirável que, todos os dias, depois das onze da manhã, contava histórias belíssimas dos clássicos da literatura infantil.

Ficávamos ali, família toda reunida, sentados ou esparramados sobre a cama, ou em banquinhos ao redor do rádio, ouvindo as famosas viagens de Gulliver<sup>19</sup>, ou João e o pé de feijão<sup>20</sup> e tantas outras narrativas, que, como diz certo poeta, me inspiraram a contar a minha.

## FÉRIAS

Quando se mora na roça, os nossos olhos ficam de certa forma acostumados com os bichos da mata, o que costumamos admirar mesmo são as pessoas da cidade, que vez por outra vão passar as férias com aqueles que moram no campo, para descansar e matar as saudades.

E tudo é tão bom, porque nossos pais querem se parecer melhores ainda, o que significa também que durante aquele período menino não apanha, e a criançada da roça vira meio que professores dos que vêm da capital. E quer ensinar a montar cavalo, a selar o bicho, a matar passarinhos com pedradas de baladeiras ou bodoques. Só se vê moleque gritando com dedo inchado!

No entanto, naquelas férias que me lembro agora, foi um pouco diferente; teve isso também. Era mês de julho, e há muito que uma amiga de nossa família não nos visitava, e o legal mesmo é que ela tinha três filhas, lindas e conversadeiras. E eu nem imaginava que iria acontecer o que se sucedeu. Mas, já que te conto, pera um cadinho!

Menino! Não é que as três eram muito divertidas! Adoravam balançar nas redes, e eu amei balançá-las<sup>21</sup>. Só para ver os gritinhos: “eu caio, garoto! Eu caio!” E me dava um friozinho na barriga só de pensar nos olhões da mãe delas se visse as danações que aprontamos ao descobrirmos tantas coisas juntos: nas cavalgadas, nas trilhas fundas das estradas empoeiradas do roçado, na lata d’água pingando no caminho da fonte, no pilão de socar arroz, nas histórias contadas no terreiro ao clarão da lua.

No entanto, foi no balanço da rede que ganhei o meu primeiro beijo, um beijo e nada mais, beijo nos lábios. O gosto a gente meio que não se lembra mais direito, no entanto as emoções que explodiram no coração a gente não se esquece nunca mais. Trem bom danado, não é mesmo?!

No mundo de criança da fazenda, pelo menos naquele tempo, que não é tão distante assim, era possível construir castelos de imaginação, ainda mais eu que era meio bobo.

---

<sup>19</sup> De Jonathan Swift

<sup>20</sup> Dos irmãos Grimm

<sup>21</sup> Balançar.



Eu queria ficar sempre perto, o que nem sempre era possível, porque eu tenho muitos irmãos bastante espertos, que gostavam de curiar e dar palpites.

Coisa triste, final de férias. Elas foram embora, e eu nem sabia ao certo para onde. Vez por outra imaginando, criando fantasias além daquelas. E não é que agora, passados muitos anos, eu me deparei com ela, a do beijo! Nem te conto, não conto mesmo o que aconteceu. Ah! Quer saber?! Apaixonei-me pela minha própria fantasia.



## MÃE

Minha mãe nasceu na cidade de Carolina, foi morar em fazendas porque se casou com meu pai, e ele gostava de morar no campo, então, com o casamento dos dois, alguém tinha que abrir mão de alguma coisa, minha mãe cedeu e, em consequência disso, obviamente, teve que parar de estudar, visto que na fazenda não tinha como ela continuar estudando.

Todavia, a grande vontade de aprender nunca morreu dentro dela, e isso se fazia visível não por suas palavras, visto que ela nunca reclamou de ter feito a escolha de ir morar na roça e, por isso, parar de estudar, mas se fazia visível pelos seus gestos, suas atitudes.

Era dada aos livros. Às vezes, mesmo cansada de um longo dia de trabalho na roça longínqua, que além do trabalho árduo, ainda tinha que caminhar quilômetros e quilômetros da lavoura para casa, e chegando em casa se preocupar ainda com o marido e com os muitos filhos que tinha, quando encontrava um tempinho corria para pegar um de seus muitos livros, que ganhara ou comprara na cidade, e ia ler toda contente. Era como se o ato de ler restituísse suas forças, suas esperanças.

E este gosto especial que ela tinha pela leitura, em especial dos livros bíblicos, e de clássicos da literatura internacional e nacional, de literatura de cordel assim como de livros de culinária e tantos outros, ela passou com muito carinho para os filhos.

Muitas e muitas vezes minha mãe pegava um de seus livros, à noitinha, e reunia toda a família a sua volta, cada um sentado num banquinho, para escutá-la narrando as maravilhosas histórias, as quais ela tinha um jeito todo especial de contar, e de encantar ao ler, com suas expressões, ao emitir os fatos.

Quando os livros eram muito extensos, eram necessários vários dias para que ela lesse por completo, mas nem por isso nos importávamos, esperávamos ansiosos pelo momento mágico de nos reunir, após o jantar, era um momento sagrado, o momento da leitura.

Em tempo de semana santa, minha mãe costumava ler para nós os evangelhos, e tentava explicar as coisas que não compreendíamos, as expressões e os fatos a respeito da

vida de Jesus. Ela, piedosa como era, dava um sentido muito especial, passava um respeito e uma reverência à palavra do evangelho.

Dentre essas histórias que ela leu para nós, algumas delas eu me lembro por completo, outras apenas algumas partes, como é o caso de uma lenda de um príncipe que se apaixonou por uma rã, ou por uma princesa que estava transformada em uma rã, e com o amor dele por ela, ela se desencantou.

Porém, o mais imprescindível não é lembrar-me de tudo que minha mãe me contou, mas, sobretudo, do gosto que ela tinha e que deixou como exemplo, não o amor aos livros, mas a maneira de transmitir amor às pessoas, partilhando em gestos muitos simples, como ler um livro.

## O TIO JUÁ

Era um tempo, como qualquer outra época, monótono, na bobagem cega de um dia após o outro, de concepções de gente sem muitas novidades. Porém, um acidente viria quebrar toda a estrutura, toda a monotonia, não pura e simplesmente o acidente, mas, sobretudo, a possibilidade do novo.

Tudo começou com um forte vento, que anunciava uma grande tempestade de chuva. As nuvens escuras e carregadas passavam apressadas pelo céu, que estava muito escuro, amedrontador. Os relâmpagos entrecortavam o céu com seus tons amarelados.

No que um pobre pé de árvore gigantesco que havia na frente da casa grande não resistiu, também pudera, estava em desvantagem, levou um tombo enorme, do vento sem piedade, destruindo quase por completo a casa da fazenda, a sorte é que não tinha ninguém debaixo.

Passados uns dias, se fez necessário contratar alguém para construí-la novamente, e aí vem a parte positiva da história, porque, para executar o serviço, foi contratada uma pessoa excepcional, que até o momento eu não conhecia, que foi meu tio Juarez, ou tio Juá! Um sujeito como nenhum outro em sua singularidade.

Quando ele chegou arranchou lá em casa, o que foi uma coisa muito boa, porque com isso pude conhecê-lo melhor, percebendo, assim, que ele era realmente como as pessoas haviam falado, nas suas muitas aventuras, nas suas façanhas, do tempo de moço.

Suas qualidades não eram poucas, pedreiro, carpinteiro, construtor de barcos, ferreiro e tantas outras habilidades, que faziam com que fosse admirado e contratado para trabalhar em muitíssimas fazendas, muitas delas em lugares muitos distantes, e até isoladas.

Com isso ele aproveitava não só para realizar o trabalho pelo qual fora contratado, mas, outrossim, para desenvolver uma série de atividades que gostava, como caçar e pescar. Essas atividades lhe faziam muito bem, e além de lhe dar satisfação, ajudavam na despesa da casa.

Em especial ele gostava de esperar. Que era um ato de bravura e coragem, onde o caçador esperava a presa em cima de uma árvore frutífera, na qual os animais iam para se alimentar durante a noite.

Mas, para mim, o tio Juá não era só isso, era muito mais, pelo menos foi o que descobri naquele tempo em que ele trabalhou na reconstrução da casa grande, da fazenda Grotão. Ele trabalhava o dia inteiro, todavia, durante os intervalos e, sobretudo nas bocas da noite, ele se transformava num sábio contador de casos.

E não eram só os casos que ele contava, que, em geral eram sempre maravilhosos, divertidos, mas, o jeito como ele se expressava, deixando uma surpresa no ar, nas palavras bem colocadas, deixando a criançada risonha com vontade de ouvir mais e mais.

Este foi o tio que eu descobri, amigo das crianças, brincalhão, artista das palavras, que não deixou seu lado de criança alegre e feliz morrer, e que além de tudo permitia que essa criança interagisse com o mundo que o cercava.

Às vezes eu me assusto, pensando que aquelas histórias ganharam vida, num mundo dentro de mim, prontas para saltar para fora, em palavras, em letras e versos. Nesse sentido, não foi um belo presente que recebi?



## ISCADO NO ANZOL

Crianças gostam de se sentirem livres, mais do que em qualquer outra fase da vida. Elas querem descobrir o mundo. Se possível criar e recriar tudo, e para isso geralmente provocam uma série de situações, muitas delas embaraçosas, que com o tempo passam do dramático ao cômico.

Foi assim que aconteceu, naquela manhã ensolarada de verão, em que os pássaros cantavam nas folhagens verdejantes dos pés de mangueiras do pomar. Um convite gostoso para brincar de cavalgada de cavalo-de-pau.

Meus pais haviam saído, ficando apenas meus dois irmãos do meio, minha irmã e eu. Minha irmã estava quieta dentro de casa, enquanto isso, nós, meninos danados, corríamos e pulávamos como quem realiza um ritual de alegria.

Íamos brincar de cavalos-de-pau, estávamos decididos e por isso contentes. Todavia, para o azar de alguém que eu não vou contar agora, meu irmão Julimar encontrou uma vara de pescar que estava encostada num canto em algum lugar da casa, e começou a rodá-lo no terreiro da frente da casa, penso que ele gostou de ouvir o barulhinho que o caniço produzia no ar, e nem percebeu que a linha se desenrolava, e que nela tinha um anzol.

De repente, um grito: ai! E um chorinho mirrado (imaginem porque eu não vou pôr nenhuma onomatopeia)... Não é mais novidade que alguém foi iscado. Mas quem? Deixe-me ver! Deixe-me recordar, afinal de contas eu era muito pequeno ainda para me lembrar de todos os detalhes.

O pobre garotinho que no exato momento passava pelo terreiro, perto do que rodava o caniço, foi atingido pelo anzol, ele deveria não ter se aproximado, mas ele contou com a sorte de não ser atingido.

Eu não sei como, mas o anzol iscou-lhe logo debaixo do braço! Não adiantou ele dizer para seu irmão: Pare com isso! Pare com isso! Seu irmão não ouviu. Porém, quando ele percebeu que havia fogado o pequeno com o anzol, ficou bastante atordoado.

Na verdade, não só ele ficou atordoado, todos nós ficamos aflitos, sem saber o que fazer para tirar o anzol. Não havia sido muito profundo, e graças a Deus a ponta do anzol estava do lado de fora, mais o pior ainda estava por vir...

É que o pescador teve uma brilhante ideia. E que ideia, hein! Acredite quem puder! Que ele correu lá dentro, na cozinha, e trouxe uma faca para livrar o irmãozinho do anzol!

Pois é. “Olhe, com essa faca de mesa não vai doer nadinha, besta”. Besta mesmo! Onde é que já se viu? A faca quase sem serrilha passava de um lado para o outro. Mas enfim, deu certo.

Bom, mas se vocês querem saber, eu ainda tenho uma pequena marquinha até hoje, debaixo do meu braço esquerdo. É muito pequena, só dá pra ver se olhar com bastante precisão.

Eu era pequeno, todavia aprendi de uma vez por todas a grande lição: faca de mesa só se for para fatiar o pão.

## FAZENDO ARTES

Sempre gostei de inventar coisas. Brinquedos por exemplo. Cortando de faca os gravetos. Infelizmente, de vez em quando a faca escapulia, num descuido e marcava os meus dedos. Todavia, marcaram-me mais os brinquedos a alma, de forma que eu posso recorrer à lembrança deles como quem recorre a um baú de tesouros, o baú da saudade.

Com meus irmãos aprendi a fazer alguns objetos, como gaiolas de buriti,<sup>22</sup> o que é muito interessante, porém não era tão motivador criar passarinhos, pelo menos eu não achava, então não tinha porque continuar inventando gaiolas, daí me veio a ideia de fazer uma mini-gaiola para pôr uma baratinha (devo ter visto em algum filme), mas meus pais acharam um absurdo e por causa disso quase levo uma surra.

Outrossim, aprendi a fazer barquinhos de cascas de cajá. Que é uma árvore típica da região nordeste, e o mais interessante: é nativa. De suas cascas se pode fazer muitas artes (não vou nem falar da polpa dos frutos, senão você vai largar esse texto e vai correndo tomar um sorvete).

Evidente que algumas coisas que vi os outros fazerem eu não dei conta de fazer, ou não me interessaram o bastante. Uma vez mesmo um dos meus irmãos fez uma moto, linda, perfeita. Nem tentei, ele é muito engenhoso.

No entanto, fiz algumas peças que, além de diferentes, a representação não estava nas que vi os meus irmãos fazerem. Era diferente. Como quando eu fiz um certo carrinho.

Mas de todas as coisas que fiz na infância enquanto invenção, nenhuma foi tão impactante como a que vou relatar agora. Não me lembro muito bem de onde me veio a ideia de fazer tal coisa, de qualquer forma não é o mais importante, visto que o mais imprescindível é o fato, o acontecimento.

---

<sup>22</sup> Espécie de palmeira.

Digo impactante para mim, não muito para os outros. Visto que a única pessoa que pode registrar esse acontecimento foi minha irmã mais velha. E como era um segredo que eu não queria que ninguém soubesse, tive que destruí-la.

E o engraçado é que minha irmã pouco tempo depois se casou e foi embora. E como eu era bem pequeno, justamente esta cena é uma das poucas imagens dela de que me recordo na infância.

Era uma manhã bonita de sol. Veio-me à mente uma vontade de inventar um brinquedo, uma arte que fosse... E logo que ela clareou como um raio em minha cabeça eu corri para providenciar o material com que pudesse desenvolvê-la.

Tudo pronto, um talo de mamona verde, uma certa concha de uma árvore de brejo e algumas folhas secas. Cortei tudo nos conformes, fiz algumas perfurações na concha. Enfim, ficou magnânimo!

Bom, agora é hora de testar, ver se dá certo, afinal de contas ninguém me ensinara a fazer tal intento. Olhei para os lados, ninguém em volta, mesmo assim pensei comigo: “é melhor eu ir para um local mais reservado”. Quem sabe detrás da casa?

E justamente ali, ansioso para testar, é um, é dois e três. Adivinhem? É engraçado, parece que quando a gente quer fazer uma determinada coisa mas não sabe direito se deve fazer, a gente fica meio nervoso só pelo fato de fazer, mesmo sabendo que não é nenhum crime, se bem que na meninice muitas coisas não se deve fazer, e essa era uma delas.

Não sei se isso já aconteceu com vocês em algum momento da vida. Depois você pode até sorrir, contar para os amigos numa boa, e dar altas gargalhadas, mas a verdade é que na hora não tem a menor graça. Tudo que se deseja é que o chão se abra para você enfiar a cabeça.

Pelo menos foi assim que eu me senti quando ouvi aquela voz: espere aí, moleque, onde é que já se viu fumar cachimbo escondido?! Era minha irmã e pelo jeito estava muito brava comigo.

Eu não soube o que dizer, nem o que fazer com o bendito (mau dito) cachimbo. A sorte é que minha irmã não era malvada, apenas falou isso e saiu. Mas valeu a intenção, porque depois de adulto, inventando artes, resolvi fazer um outro cachimbo, mas jamais inventei de fumar cachimbo.



## PARTIDA

Vejo um menino, encolhido num canto, com desalento a observar rostos tristes, cabisbaixos, de olhos grandes, lacrimosos, e passos inseguros a trilhar de um lado para o outro, sem saber se despedir. Percebe olhos que não aprenderam a molhar a face e agora querendo parir o choro, as lágrimas, as bocas querendo gritar... O medo, a dor, a saudade...

Lembro-me de seu soluço, de suas mãos frias, de seu rosto atônito, e até mesmo de seus sonhos, que costumavam embalar seus passos no escuro, em algum ponto no meio de algum lugar; no turvo não conseguia seguir porque não havia direção, e nem mesmo voltar porque também não existia estrada, de modo que o retornar se constituía num ir, num abrir trilhas.

Aqueles que ele olhava guardavam seus pertences, com cuidado; olhavam, tocavam com carinho em cada objeto num ritual fúnebre como ao embalsamar um amor para enterrar.

Não há mais esperança. Não há mais jeito. Tudo foi feito para impedir o acontecido. Esta foi a constatação que embora silenciosa todos sabiam muito bem, estava estampada nas faces, os rostos diziam.

Um caminhão amarelo, parado no terreiro, ferindo as plantas, os galhos da amoreira, com seu atropelo de enormidade, e, nele, as coisas sendo colocadas, encaixotadas, juntadas de meio sem jeito, as mesas da sala e de jantar... Vagarosas, quase sem querer.

Depois de tudo, o carro se afastando, devagar, barulhento que nem coração de menino assustado, virando a última curva da ladeira de pedras soltas, até não poder mais ver, com meus olhos, o que eu tanto amava, o meu Grotão.

Este não é o carrinho de emburuçu<sup>23</sup> que eu brincava, nem percorre os mesmos trilhos que ele percorria, aquele ia e logo voltava, este vai e não volta mais, e o seu destino não se sabe onde, só sei que o conhecido ele deixa para trás enquanto corta as curvas do horizonte.

Porém, hoje eu guardo esta certeza, de que quando partimos levamos com a gente o que temos, o que vivemos e acreditamos.

---

<sup>23</sup> Embiruçu: árvore da família das bombacáceas.

Oh, meu Grotão! Meu doce segredo, minha saudade é um pedaço seu, que guardo no coração, na alma, na lembrança.

## CORRENTEZAS

Eita Rio que corre ligeiro! Fiquei aqui mirando as tuas águas densas, cristalinas, a dançar sobre os seixos, recordando-me de antigas correntezas que por aqui vi passar, e nem me dei conta que já estou aqui faz muitas e muitas horas...

O sol já se vai adiantado, as formigas se recolhem apressadas nos formigueiros, os angicos começam a muchar suas folhas, manhosas com o deslumbramento do azul do céu, que cheio de contrastes me faz intuir que é chegado o verão.

As pombas amargas nos galhos dos ingazeiros das ribanceiras ecoam seus contos melancólicos... Ummm! Ummm! Ummm! Parece um lamento, não posso dizer, eu nem mesmo sei, o que sei é apenas o que imagino, e no momento só dá para pensar que é um canto por demais triste.

Apresso-me em buscar a moto, que ficou na sede da fazenda, eu a deixei na sombra de uma mangueira em que muitas vezes subi, dela dava para ver o horizonte por sobre as quintas do gado, aquele capim verdinho, verdinho, balançando suas palhas com o vento, parecendo as ondas do mar.

Pego a moto, despeço-me dos vaqueiros, moradores de agora, e mais uma vez o meu olhar percorre cada espaço, os currais, em cujas cercas subi em muitas ocasiões para não ser chifrado por vaca valente, parida de bezerro novo, ciumenta.

As plantas enormes, frondosas. Aquela ali eu ajudei meu pai a plantar, quantas latas d'água foram necessárias que meus irmãos e eu carregássemos para que ela crescesse e se tornasse forte, capaz de resistir à seca do verão. E os cajueiros... Aquele ali! Uma vez subi nele e, quando desci, esqueci meu chinelo, meu Deus, quase levo uma surra, passei uma tarde inteira procurando. Cajueiros, de seus cajus se faziam muitos doces...

Aos poucos vou descendo o barranco do rio, distanciando da casa grande, do lugar da antiga casa onde morávamos, das plantas, mas ao mesmo tempo vai intensificando uma polifonia de vozes de vivências, de bem querer, de saudades: aboios, berros de gado, cascos de cavalos esquipando<sup>24</sup> na chapada, algazarra de periquitos nas lavouras, açoites de pedras

---

<sup>24</sup> Diz-se de certa andadura do cavalo na qual este levanta simultaneamente o pé e a mão do mesmo lado.

de baladeiras, cheiro de café torrado, de bolo frito, conversas no terreiro, causos de caçadas, som de sanfonas, de zabumbas, de arrasta-pés, meu Deus...

Chego ao rio, após algumas aceleradas de moto, ele agora se confunde com lágrimas, eta rio que chora! Não chore, menino chorão, não sabe que homem não deve chorar? – Você já vai, Jaquil? Disse o velho das águas. Sim, respondi. E por onde vai? Vou pela estrada da Fazenda Tabuleiro de Dentro. Então terá que passar pelas águas. É o que parece.

As águas não estão muito fundas, assim vou passando, e subindo na moto novamente. Tenho que ir agora, pois pretendo chegar amanhã ao amanhecer.

“Muitos partem, e os que não partem, têm vontade de partir” (João Uilson).



# SOBRE O AUTOR

## RONILSON LOPES



Maranhense de Carolina. Tocantinense de coração e de vivências. Ronilson de Sousa Lopes é escritor, poeta, contista e professor de Filosofia do Instituto Federal do Amazonas. Membro correspondente da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências ‘A palavra do século 21’ – ALPAS 21.

[www.editorapublicar.com.br](http://www.editorapublicar.com.br)  
[contato@editorapublicar.com.br](mailto:contato@editorapublicar.com.br)  
@epublicar  
[facebook.com.br/epublicar](https://facebook.com.br/epublicar)



# **CONTOS DO MEU SERTÃO**

**RONILSON LOPES**

**2020**

# **CONTOS DO MEU SERTÃO**

**RONILSON LOPES**



**Contos do meu sertão é uma memória viva da infância. Trata-se de eternizar um pedaço de si, cuja recordação remete a tempo e lugar definidos. Nos anos em que “não tinha tempo para ser infeliz”, o autor, com sucinta leveza e laboriosa linguagem marcada de regionalismo, conduz o leitor à busca da criança que repousa no seu interior. A fazenda Grotão é o lugar das aventuras infantis, ponto de encontro familiar, espaço da educação social e religiosa, que contém um “baú de saudades”. O Rio Itapecuru, que corta a fazenda, simboliza as experiências remanescentes, efêmeras e novas, próprias da existência humana.**

**O autor tece suas histórias com sabor de intimidade, cujo fio condutor guia-se entre três mundos. O mundo da imaginação é o berço das peripécias de criança construídas entre família, vizinhança e amigos. O mundo dos livros representa o despertar para a linguagem através das histórias contadas, da leitura, do estudo. O mundo das artes compõe-se da descoberta criativa que jaz no autor desde a gênese infantil.**

**Nesta correnteza de vida, em contato com a natureza, ecoa “uma polifonia de vozes de vivências, de bem-querer, de saudades” com as quais o leitor vai se deparar. O sertão é o lugar do encontro com as próprias raízes em que o autor não apenas se identifica como, inevitavelmente, põe o leitor em sintonia com “seu castelo da imaginação”. Pode-se dizer que os contos são como o dizer ao pé do ouvido a experiência do primeiro beijo. Este se expressa na imortalidade do amor memorável porque revelado na vida presente. Conta-se que a vida se ama desde as mais remotas recordações como um segredo entre crianças...**